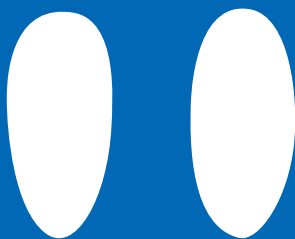
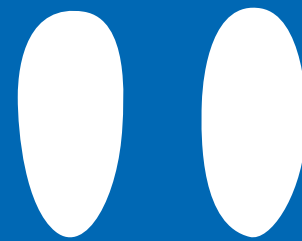


# Prémio Estágios em Portugal e no Mundo



2014 (2ª edição)





Ordem dos Arquitectos – Secção Regional do Sul  
Travessa do Carvalho, nº 23  
1249-003 Lisboa  
[www.oasrs.org](http://www.oasrs.org)

Conselho Regional de Admissão Sul (CRAS)  
Presidente: Paulo Tormenta Pinto  
Vogais: Carla Oliveira, Rita Alves, Rita Dourado,  
Rui Velho Didier e Tiago Pinhal Costa  
Secretariado: Ângela Gomes

Coordenação  
Paulo Tormenta Pinto

Produção  
CRAS, Margarida Ventosa, Margarida Portugal e Sara Andrade

Design Gráfico e Fotografia  
Thisislove Studio

Depoimentos  
Gonçalo Byrne, Filipe Magalhães e Ana Luísa Soares (FALA Atelier)

Júri  
Telmo Cruz (Presidente), João Salaviza e Nuno Crespo

Propriedade  
Ordem dos Arquitectos – Secção Regional do Sul

Agradecimentos  
Aos membros do Júri Telmo Cruz, João Salaviza e Nuno Crespo. Aos arquitectos Gonçalo Byrne, Filipe Magalhães e Ana Luísa Soares (FALA Atelier), Fernão Simões de Carvalho, José Neves e Raquel Melo. À arquitecta Célia Maia. Ao arquitecto Falcão de Campos. Ao P3. Ao programa Sociedade Civil da RTP. Ao 3D Spot. Ao Café da Ordem dos Arquitectos (COA). À Thisislove Studio. Ao Conselho Directivo Regional do Sul da Ordem dos Arquitectos.

# Índice

4

Prémio Estágios em Portugal e no Mundo

7

Save the Date

8

Entrevistas

18

Prémios

# Prémio Estágios em Portugal e no Mundo

Paulo Tormenta Pinto

O Conselho de Admissão da Secção Regional do Sul da Ordem dos Arquitectos organizou, em 2014, pela segunda vez consecutiva o Prémio de Estágio em Portugal e no Mundo (PEPEM). Esta iniciativa tem como objectivo primordial o estabelecimento de uma aproximação entre a Ordem dos Arquitectos e os seus futuros membros. O período de estágio é um momento de mediação entre a formação académica e o acesso à profissão. É neste período transitório que se estabelecem um conjunto de procedimentos conducentes à inscrição na Ordem dos Arquitectos. Para além do período de estágio (de 9 ou 12 meses), também a formação específica em Estatuto e Deontologia e a formação profissional complementar, são requisitos obrigatórios no processo de admissão.

De acordo com as definições estatutárias da Ordem dos Arquitectos, compete ao Conselho Regional de Admissão a aplicação das políticas definidas colegialmente a montante pelo Conselho Directivo Nacional. Se por um lado se verifica uma limitação estatutária deste órgão regional em termos de regulação da classe dos arquitectos, por outro são-lhe conferidas competências executivas para a implementação no terreno de todo o processo relativo à admissão. É à luz deste posicionamento específico que compete a este Conselho Regional, pugnar por uma monitorização do sistema, aproximando-se dos futuros arquitectos de modo a tomar consciência, não só das suas expectativas, mas procurando reconhecer as capacidades e mais-valias das novas gerações de arquitectos.

Em arquitectura existe sempre “um tempo novo”, associado aos desafios do cada momento presente. A percepção dos

arquitectos é por isso fundamental para desbloquear dificuldades de interpretação da contemporaneidade, contribuindo para o lançamento de hipóteses de novos caminhos. O olhar descontaminado dos primeiros tempos de actividade, contém argumentos que em cada momento relativizam os pensamentos instituídos. Por esta razão, para além de um concurso, o PEPEM é antes de tudo um instrumento de captação e de fixação de ideias, com potencial para promover debates e reflexões em torno da arquitectura. Considerando que o PEPEM privilegia os membros efectivos da Ordem dos Arquitectos que tenham concluído o estágio profissional (ao abrigo do RI – Outubro de 2006) até ao lançamento do Prémio, foram desencadeadas um conjunto de acções paralelas que procuraram, não só mobilizar uma participação alargada, mas também promover o cruzamento entre várias gerações de arquitectos. Iniciativas como o “Outra Vez, Eles Contam a sua História”, ou as entrevistas filmadas a Gonçalo Byrne e ao FALA Atelier, foram fundamentais para que o PEPEM pudesse adquirir mais abrangência junto dos arquitectos.

Funcionando como Save the Date do PEPEM, “Outra Vez, Eles Contam a sua História” ocorreu no dia 18 de Setembro, contando com a presença de Raquel Melo, José Neves e Fernão Lopes Simões de Carvalho, numa conversa informal no COA – Café da Ordem dos Arquitectos. Raquel Melo terminou o curso em 1999, entrando na profissão num período de crise económica que tem vindo a colocar profundas limitações à integração no campo da arquitectura. José Neves concluiu a sua formação em 1986, momento em que Portugal integrou a Comunidade Económica

Europa, iniciando-se nessa altura um intenso trabalho de infra-estruturação do território nacional. Por último Fernão Lopes Simões de Carvalho, diplomou-se em 1955, no mesmo ano em que se iniciou o Inquérito à Arquitectura Popular Portuguesa, num período que antecede o desenvolvimento do território ultramarino motivado pelo desencadear da Guerra Colonial.

As entrevistas a Gonçalo Byrne e aos FALA Atelier – de Filipe Magalhães e Maria Luísa Soares, tiveram igualmente como objectivo colocar sobre a mesma base duas gerações e duas perspectivas distintas sobre acesso à profissão. Nas entrevistas foi possível registar as expectativas para o futuro da arquitectura e as relações entre a universidade e a prática profissional. No caso do FALA Atelier foi importante perceber a importância do estágio realizado fora de Portugal, a par com a iniciativa de constituição de um escritório colectivo que dá os primeiros passos num trabalho de proximidade com redes internacionais, procurando afirmar-se no contexto global. Por outro lado, em Gonçalo Byrne, a memória de uma prática de acesso à profissão iniciada em período académico, conduziu a uma autonomização progressiva da sua actividade autoral que, iniciada no âmbito nacional, adquiriu posteriormente relevância e notoriedade internacional.

O debate amplo que o Conselho Regional de Admissão promoveu, foi também explorado no âmbito do próprio PEPEM. O júri, presidido pelo Arquitecto Telmo Cruz, contou com a presença de vogais provenientes do campo do cinema e crítica, integrando o Realizador João Salaviza e o Curador Nuno Crespo. A cargo deste júri esteve a missão de apreciar as “histórias” de estágio contadas na

primeira pessoa pelos arquitectos, através de distintos suportes de representação. Ao longo dos quatro meses em que durou o PEPEM foi possível estabelecer laços de integração entre várias gerações de arquitectos, cruzando experiências para dentro e para fora do mundo da arquitectura. De tudo isto destacamos a importância de acolher os novos membros, de os nomear enquanto arquitectos e sobretudo de contribuir para a desmistificação alguns fantasmas inerentes à profissão.

# Save the Date



O Café da Ordem dos Arquitectos (COA) foi cenário, no dia 18 de Setembro, de um encontro informal entre arquitectos de diferentes gerações, para uma troca de experiências e memórias com enfoque nos estágios de cada um. Os convidados – os arquitectos Fernão Lopes Simões de Carvalho, José Neves e Raquel Melo – partilharam as suas histórias e deram conta dos seus testemunhos ao longo de cerca de duas horas de conversa com uma plateia atenta.

# Entrevistas

## Gonçalo Byrne



Gonçalo Byrne  
FALA Atelier

"O meu estágio foi uma excelente  
experiência de obra"



# 1 – Que memórias guarda do seu período de estágio?

Gonçalo Byrne: Só para enquadrar: quando tirei o curso de arquitectura era normal trabalhar em atelier logo no primeiro ano. Durante o período de formação estive em três ateliers diferentes. É claro que era fora de horas – as aulas terminavam entre as 4h30, cinco da tarde, funcionava como complemento prático ao que se estava a aprender. Eu apanhei o terceiro ano da reforma de 57 que criou o estágio em obra, coisa inédita em Portugal. Era um período mínimo de seis meses em obra no estágio, em estaleiro de arquitectura, para perceber para que serve o projecto em termos de construção. Eu estava nessa altura no terceiro atelier de estágio que era do arquitecto Cristiano Ramalho e ele tinha pelo menos dois grandes projectos em Olivais-Sul, de habitação social.

Estive a estagiar nessa obra à vontade dois anos, tínhamos uma reunião de acompanhamento de obra por semana, visitas no mínimo uma vez por semana, mas havia semanas que eram duas ou três, para acompanhar a obra, tirar dúvidas e perceber como se fazia a construção.

No final, esse estágio era transformado num relatório que era apresentado na escola, no meu caso na ESBAL, e discutido com um júri naquilo que hoje seria o equivalente a uma apresentação de mestrado.

Esse relatório não era uma descrição da obra, supunha uma atitude crítica em relação à obra. Tinha a ver com a forma como se planeia e segue uma obra, quais as implicações em termos de tempo, custos

e controlo de qualidade que são as três vertentes a valorizar. Incluía uma espécie de reflexão à posteriori sobre o que isso queria dizer como método de projectar, construir e de acompanhar.

O meu estágio acabou por ser uma excelente experiência de obra, de atelier a seguir à concretização dos projectos, que é a face mais crucial e mais importante, porque se o projecto não é construído fica numa prateleira, e o mais interessante é a obra feita. Foi um período muito forte e interessante, que me serviu muito para a profissão.

## 2 – De que modo essa formação influencia o seu trabalho?

GB – Foi decisiva na minha geração, decisiva ao ponto de introduzir alguma fricção naquilo que era então a prática da arquitectura em Portugal, ao nível do ensino, mas também ao nível da corporação de arquitectura. Eu lembro-me que na altura do Sindicato dos Arquitectos havia muitas discussões sobre a participação do arquitecto na obra, e a tese era – eu diria que ainda hoje está bastante presente – que o arquitecto não devia ter um grande envolvimento de responsabilização na obra. Esta noção resultou na figura de assistência técnica à obra – não sei se sabe, Portugal é o único país que tem a figura da assistência técnica à obra, basta ir a Espanha, a França, Itália, Suíça e o modelo é outro, é o maîtrise d'oeuvre – significa que quando um arquitecto assina um contrato ele é responsável até ao fim, e portanto, o envolvimento, a responsabilidade na

construção é total.

É claro que para isso ele tem que ter uma formação que, na altura, o ensino da arquitectura cá não dava, ou dava muito tenuemente e a filosofia da corporação era que os arquitectos fazem projecto, a obra é dos empreiteiros, os arquitectos só lá vão para conseguir que a obra seja fiel ao projecto. Eu sempre defendi a responsabilização do arquitecto na finalização do projecto, sempre defendi que o mais importante é a obra feita.

Isto é um bocadinho ao contrário do que se vê hoje neste mundo mediatizado em que o mais importante é o autor – que virou um rock-star –, depois vem o projecto – há imensas coisas publicadas nas revistas que nunca foram construídas, são puros desenhos –, e só no fim, a obra. E isso é de tal forma assim, que se uma obra tiver uma assinatura de um rock-star ela é universalmente decretada excepcional, o que não é verdade, porque qualquer arquitecto, inclusivamente um rock-star, tem coisas melhores e coisas piores.

## 3 – Como vê a integração dos novos arquitectos face aos desafios actuais da profissão?

GB – Vejo como muito problemática. Os jovens arquitectos, sobretudo no nosso país, estão sem trabalho. Mas o que vejo sobretudo é um modelo da produção de arquitectura que está claramente em transformação, está a criar uma espécie de esquizofrenia, está a criar uma dualidade.

Nós em Portugal ainda vivemos num mundo em que a arquitectura é de autor, é do arquitecto que consegue fazer a boa obra, mas esse mercado está a reduzir-se mais em favor de um mercado da produção em massa. E é esse que o mercado da globalização privilegia claramente.

Basta ir ao Dubai, a Xangai, a esses países emergentes onde a arquitectura continua a ser um negócio, um tema de construção de cidade nova, para ver que a produção está na mão de grandes empresas de engineering em que o arquitecto é apenas mais um engineer e a arquitectura é usada para surpreender, para produzir espectáculo, para fazer aquilo que na gíria do mercado global se chama o edificio icónico. Isto é uma mentira, os edificios icónicos não se auto-proclamam edificios incónicos, só a história e o tempo os reconhece como tal. O que eles são, na minha opinião, é auto-referenced buildings, edificios auto-referenciáveis, que é uma coisa completamente diferente.

Dou um exemplo: aqui há um ano tive um contacto de um grande gabinete de arquitectura chinês. Quiseram visitar o atelier e o país e a única coisa que falavam era de high rise buildings, mostre-nos lá um high rise building. E eu disse: se calhar não estão no sítio certo. Eles respondiam: mas isso é a única coisa que interessa. Se for a Itália, estão lá, a produção de arquitectura são os grandes gabinetes de engenharia que estão ligados aos grandes promotores imobiliários, aos grandes produtores de infra-estruturas. O arquitecto é contratado para desenhar coisas que se vejam, o espectáculo da arquitectura.

O outro lado da medalha é a arquitectura que está cada vez mais reduzida a uns nichos. É a que faz os edificios Prada, os



Dolce&Gabbana, os grandes promotores que querem ter uma obra distinta com um brand, com uma assinatura reconhecida de autor. Também há mercado para esta arquitectura, mas nunca será maioritário. A pergunta é: o que é que há no meio? A arquitectura continua a fazer sentido para uma cidade contemporânea que está cada vez mais transformada numa sequência de guetos? Continua a fazer sentido para os que não estão no lado de cima da globalização, para as suas vítimas? Continua a fazer sentido como instrumento para fazer cidade, para fazer paisagem?

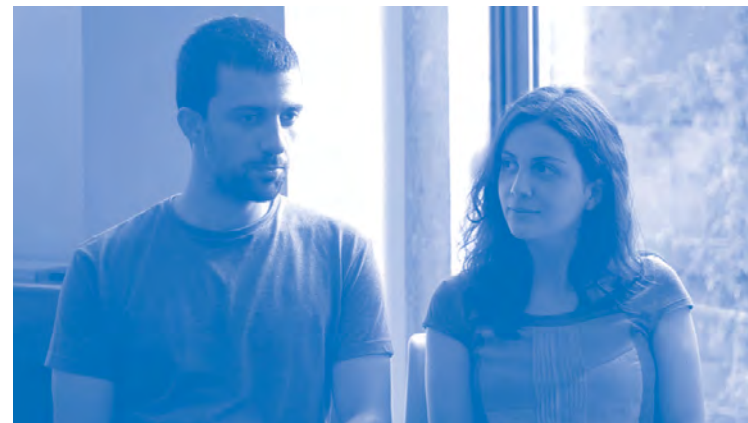
Eu acho que sim, acho que se estão a passar fenómenos interessantes com contornos de marginalidade, mas que começam a ter presença forte nos países latino-americanos e na Europa nalguns casos. Basta olhar para o prémio Aga Khan, por exemplo, que tem privilegiado intervenções muito interessantes neste mundo, com ateliers novos e muita gente da minha geração que estão a tentar resistir e construir uma alternativa. Só que não tem sido a mais visível.

#### 4 - O que procura transmitir ao estagiário que recebe no seu atelier?

*GB* - Essa é uma pergunta difícil. Acho que hoje em dia grande parte dos estagiários que aparecem, fruto da sua formação, têm uma força muito grande nos aspectos conceptuais, mas uma debilidade em perceber como se passa da conceptualidade para a obra, para a concretização. E esses aspectos são vistos pelos estagiários como menos

interessantes. São trabalhos que não têm a ver com esta ideia de fazer a grande forma, com este exercício de glamour e os estagiários pensam que não fazer isso é uma actividade que não interessa em arquitectura. Pessoalmente não tenho nenhuma razão de queixa, todos os estagiários que trabalham comigo aderem bastante bem, mas eles são um pouco vítimas dos mecanismos que as escolas hoje têm. Quando eu estudei era normal estar a trabalhar logo no primeiro ano, hoje não só não é normal como é difícil, muitos estagiários nem sequer conseguem entrar nos ateliers. Felizmente, cá o estágio é obrigatório e faz-se no final do curso, é uma das condições de entrada na Ordem e ainda bem, é mais acompanhado, acho que é muito importante. Mas as escolas suíças de Lausanne, Zurique ou Mendrisio são uma excepção, o estágio também é obrigatório mas não é no final do curso, é a meio e o resultado do estágio entra para a apreciação curricular do curso e pesa na classificação.

# Filipe Magalhães e Ana Luísa Soares



## FALA Atelier

“Agarrar o que os países estrangeiros têm para nos dar é a melhor coisa que se pode fazer”

## 1 - Que memórias guarda do seu período de estágio?

*Filipe Magalhães* - Nós tivemos muita sorte com o nosso estágio. Tivemos sorte porque pudemos realizá-lo os dois ao mesmo tempo no mesmo atelier, e tivemos sorte porque era um excelente atelier. Digo isto não porque fosse um atelier muito grande - nós estávamos com o Harry Guggér em Basileia - mas era um atelier altamente internacional liderado por um arquitecto com vinte anos de parceria com os Herzog & De Meuron que tinha acabado de partir para uma aventura nova. Havia imenso trabalho em cima da mesa, competições, comissões, pequena e grande escala e uma equipa de arquitectos de formação holandesa, francesa, suíça, arquitectos americanos, franceses, com experiência em ateliers todos eles de muito bom nível o que nos obrigou muito rapidamente a desenvolver ferramentas que a faculdade não nos deu, a questionar algumas das verdades absolutas que a faculdade nos deu, e acima de tudo obrigou-nos a procurar referências que nós não tínhamos. Trabalhar com pessoas tão diferentes e com background tão diferente de nós que só tínhamos o background académico, obrigou-nos a encontrar novas referências e a crescer muito enquanto jovens arquitectos.

*Ana Luísa Soares* - O que fez muita diferença foi serem grandes projectos, um gabinete a começar e nós envolvidos em tudo, ao nível dos outros arquitectos. Não sentimos aquele distanciamento que às vezes se diz que existe entre arquitectos e estagiários, toda a gente participava activamente em todas as discussões e

todos os argumentos seriam válidos se fossem correctamente apresentados, não teriam de vir necessariamente do arquitecto que estava responsável pelo projecto.

*Filipe Magalhães* - Houve uma frase no meu primeiro dia, foi literalmente assim, às nove e meia da manhã, havia um painel de projectos na parede e uma reunião de projecto. O Harry (Guggér) chegou e disse "Vamos falar do projecto" e estavam a discutir, a discutir, fala o arquitecto responsável, falam os outros arquitectos, falam os arquitectos que não faziam parte desse projecto e eu estou muito caladinho cá atrás a medir o pulso do que se está a passar. A dada altura o Harry começa a procurar com a cabeça e diz "E o rapaz novo onde é que está?", e eu fui forçado a vir mais para a frente. Ele perguntou-me o que é que eu achava, eu fiz meia-dúzia de comentários e no fim ele chamou-me aparte e disse-me "Eu concordo com algumas coisas que disseste quanto mais não sejam porque era trivialidades, não concordo com outras porque acho que não acertaste, mas é muito importante que tu percebas que se tu estás aqui em vez de um maquetista, ou se tu estás aqui em vez de uma pessoa que só faça imagens ou em vez de um desenhador, é porque eu quero alguém que tenha a capacidade critica, que tu tens, porque tens a formação e um portfolio e foi por isso que te contratei, para participar neste momento. Se tu tens a capacidade critica e se eu investi em ti, nestes momentos tens de brilhar". Isto no meu primeiro dia de trabalho. Isto influenciou-me muito, porque a partir daí passei a falar mais do que devia (risos). Mas como primeiro impacto num ambiente que me parecia ser tão esmagador, com pessoas que pareciam saber tão mais do que eu, foi tirar a pressão de cima das costas, e para

mim isso mudou a perspectiva como nós agora trabalhamos no escritório. Quando alguém jovem se junta a nós, pedimos mais ou menos a mesma coisa.

## 2 - De que modo essa formação influencia o seu trabalho?

*Ana Luísa Soares* - Formamo-nos os dois na mesma faculdade e o facto de termos conseguido os dois estagiar no mesmo local a seguir fez com que a nossa formação e a forma de trabalhar ficasse muito nivelada. O primeiro estágio influencia muito e a nossa forma de trabalhar em conjunto ficou muito coerente, porque temos a mesma base quer a nível de software, quer em termos de desenvolvimento e discussão de projecto, que marcou e continua a marcar a forma como trabalhamos agora.

*Filipe Magalhães* - Influenciou muito porque na faculdade tivemos uma excelente formação no campo teórico, mas o que o estágio nos deu, precisamente por ser num escritório tão virado para fora, tão internacional, foi um conjunto de ferramentas enorme. A maneira como levantamos as questões e as próprias questões que levantamos são tão diferentes do que a faculdade nos deu, que agora que estamos a trabalhar em Portugal e que temos alguns projectos cá, às vezes até nos sentimos demasiado estrangeiros. Estivemos cinco anos cá, dois anos fora e às vezes parece que esses dois anos fora foram mais pesados, a experiência que nós tivemos lá foi muito pragmática: não eram aulas, não eram trabalhos de grupo, não eram uma apresentação no auditório,

eram clientes a sério, eram concursos a sério, eram projectos a sério, as directas eram mesmo necessárias para entregar os projectos naquele deadline que não mudava, tinha de ser naquele dia, não conhecíamos o professor, ou seja, não conhecíamos o júri, e isso fez-nos crescer rápido, porque a responsabilidade que temos mesmo enquanto estagiários, obrigou-nos a crescer mais depressa do que se estivéssemos a trabalhar sozinhos ou se não tivéssemos esta experiência.

## 3 - Como vê a integração dos novos arquitectos face aos desafios actuais da profissão?

*Ana Luísa Soares* - Hoje em dia fala-se muito da emigração, porque é necessário, não há trabalho em Portugal. Mas nós saímos por opção e acho que os jovens arquitectos também devem sair por opção. O mundo hoje está cada vez mais global e já não se fazem só trabalhos para Portugal mesmo que um gabinete esteja baseado cá, já se fazem trabalhos lá para fora. O facto de ir conhecer novas formas de trabalho e pensamento - algumas mais parecidas, outras nem tanto - com o panorama que se vive em Portugal, é algo extremamente rico e importante para qualquer jovem ou estagiário que queira evoluir. É importante conhecer mais do que o só o meio em que se cresce, é importante abrir os horizontes, porque são eles que, ao voltarem para Portugal, faz com que tenham maior capacidade critica, só conhecendo se pode criticar e ter uma posição clara em relação ao que se quer fazer ou não.

*Filipe Magalhães* - A perspectiva do telejornal sobre este tema é uma perspectiva pessimista. Há de facto uma emigração menos positiva, mas enquanto arquitectos a nossa experiência é de que a emigração não é um bicho de sete cabeças, bem pelo contrário, é uma oportunidade, e se for vista pelo lado positivo, como uma opção deliberada assumida pelo jovem arquitecto ou estagiário, é provavelmente a melhor coisa que lhe pode acontecer nesta fase da carreira.

*Ana Luísa Soares* - Porque é o ponto em que uma pessoa se está a formar, é a altura ideal para conhecer tudo.

*Filipe Magalhães* - E é um ponto de transição. O que as faculdades nos dão não é o que precisamos para trabalhar num escritório. Ou melhor, em parte é, mas é preciso mais, é preciso um contexto que a faculdade não nos dá. Ao sermos forçados a viver com arquitectos diferentes, a falar outra língua, a aprender softwares que cá não usamos, ao ser obrigados a participar em concursos com uma escala que se calhar nunca vamos poder experimentar cá, a fazer pormenorização de projectos com uma escala que nunca vamos conseguir fazer nos nossos escritórios, quando voltamos, quer seja para trabalhar por conta de outrém ou por conta própria em Portugal, nós trazemos uma bagagem que de outra forma não vamos conseguir. E feliz ou infelizmente o país não nos dá essa oportunidade. Agarrar o que países como a Suíça, a Holanda, o Japão, a Noruega têm para nos dar é a melhor coisa que podemos fazer.

## 4 - O que procura transmitir ao estagiário que recebe no seu atelier?

*Filipe Magalhães* - Nós tentamos ao máximo ter uma estrutura o mais nivelada possível. Temos uma equipa pequena, neste momento somos cinco pessoas, e tentamos evitar estas palavras - estagiários, chefe de projecto, arquitecto. Temos alguém que está efectivamente responsável pelo projecto, mas estamos todos ao mesmo nível. E a mensagem principal que tentamos incutir desde o primeiro dia em que começam a trabalhar connosco é que é preciso gostar disto, é mesmo preciso gostar disto. Não é um emprego das nove às cinco, está mais próximo de um jogo de computador do que emprego burocrático, porque aquilo que não ficou bem resolvido hoje, eu tenho que resolver amanhã, e aquele alçado que não ficou bem, tenho de fazer melhor. Esta motivação gera uma espécie de adrenalina em que às cinco da tarde já são oito e entretanto temos de dizer "pessoal, está na hora, vamos embora" e as pessoas com quem estamos a trabalhar dizem "Não, eu quero acabar isto"... nós sentimos um prazer que vai muito além da chefia.

*Ana Luísa Soares* - Isso consegue-se porque as pessoas sentem que o projecto é delas, não é só do escritório, são tão parte de todo o processo como nós somos. E isso faz a diferença e também fez a diferença quando nós fizemos os nosso estágios.

*Filipe Magalhães* - Nós tivemos muita sorte, porque era uma equipa pequena, nós estávamos muito envolvidos e isso faz toda a diferença. Essa era uma lição que

nós queríamos trazer. Nós sabíamos que quando nos era dada a responsabilidade, a nossa motivação triplicava. Sempre que no escritório, por uma qualquer razão pessoal e ou profissional, não podemos fazer algo e delegamos essa tarefa, ela é muito mais amada e mais desenvolvida do que se fossemos nós a fazê-la, porque nós a faríamos como se fosse uma obrigação. Para os nossos colaboradores é um prazer assumir a responsabilidade total. Isso gera melhores discussões, porque o projecto está mais rico, e no limite gera melhores projectos. E quando há esta paixão, esta motivação, saímos todos a ganhar.

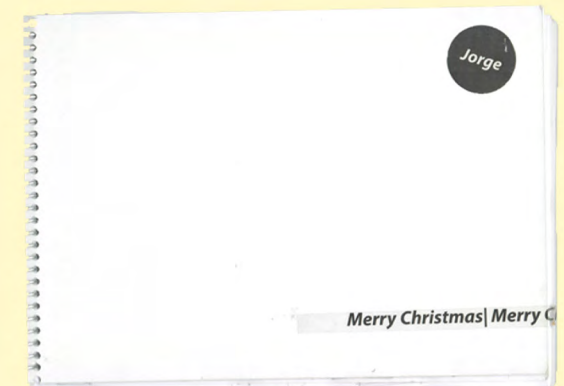
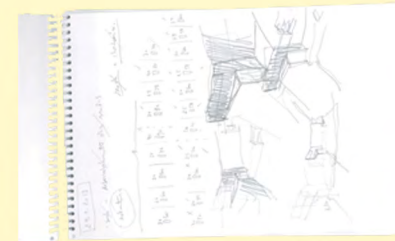
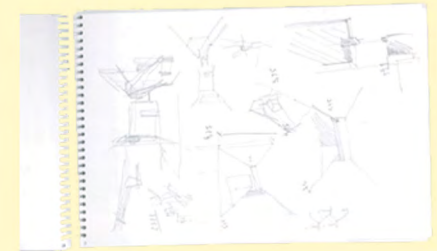
# Prémios

Jorge Santos  
Luís Ferro  
Tiago Atalaia  
Tiago Cruz

O Júri presidido pelo Arq. Telmo Cruz e pelos vogais Nuno Crespo e João Salaviza, reuniu no dia 10 de Novembro pelas 15:00h, no Salão Nobre da Ordem dos Arquitectos com o objectivo de avaliar as propostas submetidas ao Prémio de Estágio em Portugal e no Mundo 2014. Atendendo ao conteúdo das propostas o júri decidiu ao abrigo do art. 6º do Regulamento do PEPEM, atribuir 4 prémios. As propostas premiadas revelaram a amplitude de respostas ao Prémio, propondo visões diferenciadoras em relação aquilo que pode ser um estágio em arquitectura. As propostas premiadas foram: Jorge Santos (pela metódica condição disciplinar de abordagem ao Estágio Profissional); Luís Ferro (pela viagem conceptual do seu percurso, abrindo o estágio a outras geografias e cronologias); Tiago Atalaia (por ter revelado e aproveitado o potencial transformador do estágio e por ter indiciado um tema de actualidade que relaciona a formação com a aproximação directa à construção); Tiago Cruz (pela clareza e objectividade da descrição do período de estágio).

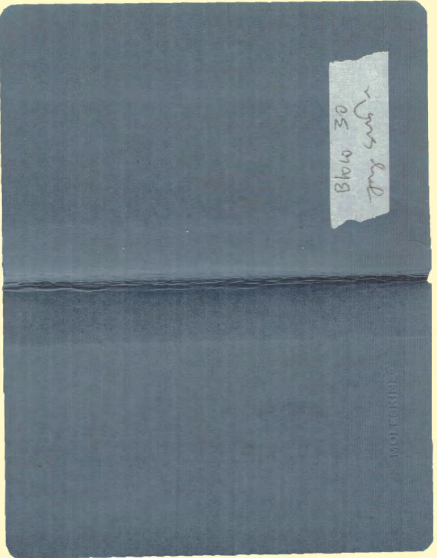
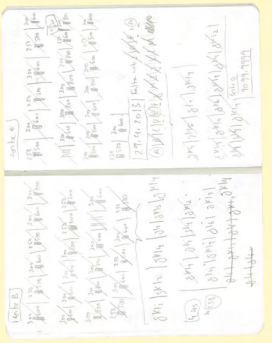
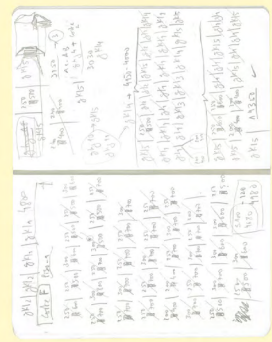
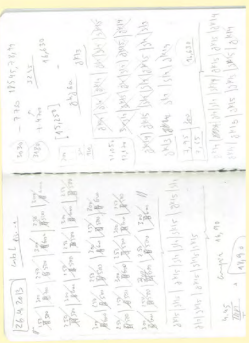
# Jorge Santos

Jorge Manuel Barroso Ferreira dos Santos nasce no Porto a 10 de Novembro de 1984, cedo se muda para Chaves onde completa o ensino básico e secundário. Com 17 anos ingressa no curso de arquitectura no Departamento de Arquitectura da Universidade do Minho (DAAUM na altura), Escola de Arquitectura da Universidade do Minho (EAUM) actualmente, onde mais tarde viria a concluir a Licenciatura e posteriormente o Mestrado na área de construção e tecnologia, com o tema: “Intervenção em ruínas – Elemento Infra/estrutural Tipificação de uma solução de intervenção pouco intrusiva”. Durante o percurso académico pautou a sua aprendizagem académica com a experiência profissional acompanhando o seu pai, também ele arquitecto, no desenvolvimento de vários projectos e em diversas fases. Durante o ano de 2011 colabora com o Atelier Zénea em Guimarães, onde teve o privilégio de privar com um projecto de reabilitação de uma obra do arquitecto Marques da Silva. Desde sempre ligado às artes, nomeadamente ao desenho, pintura e escultura, ganha em 1997 o primeiro prémio no concurso de escultura “Arte do desperdício”. Conta com a realização de vários concursos de arquitectura nacionais e internacionais e com a participação em eventos de arte e de arquitectura, como a exposição “História e Ucronia”, inscrita na Rota do Românico, com o projecto de reabilitação e ampliação do Mosteiro de S. Miguel de Bustelo em Penafiel ou como orador numa das recentes sessões do “Pecha Kucha Night Guimarães”, com o tema “Contam-me histórias”, relatos de viagens retratados através do desenho, organizada pelo NARB da Ordem dos Arquitectos SRN. Em Outubro de 2012 inicia o seu estágio de acesso à Ordem dos Arquitectos no atelier Carlos Castanheira & Clara Bastai – Arquitectos. Findo o estágio é convidado a ficar no gabinete como colaborador e no qual se mantém até à data onde exerce a sua profissão enquanto arquitecto e onde tem tido o privilégio de colaborar em projectos do arquitecto Álvaro Siza Vieira. Para além disso é candidato ao curso Doutoral da Escola de Arquitectura da Universidade do Minho, também na área de construção e tecnologia.

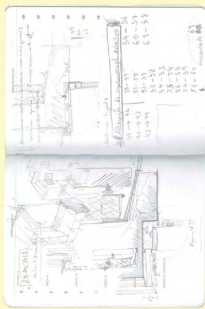
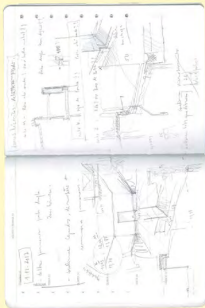
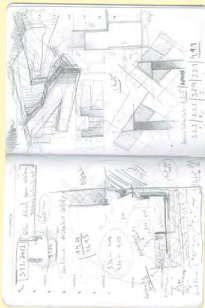
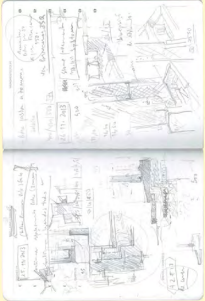
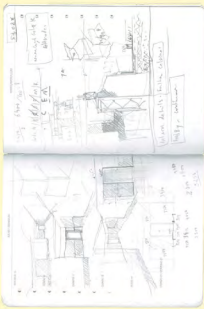
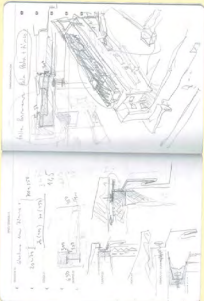


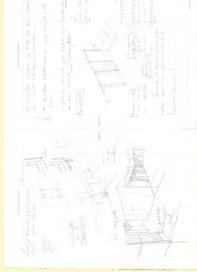
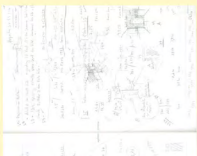
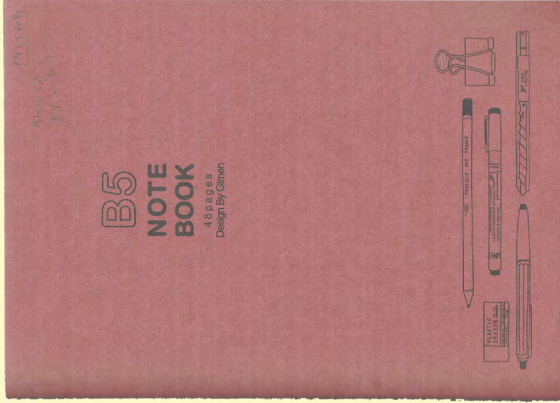
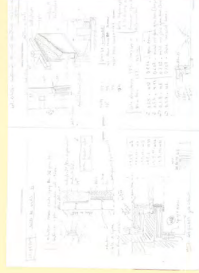
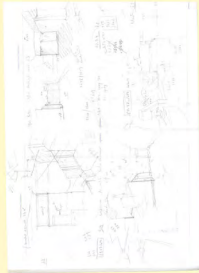
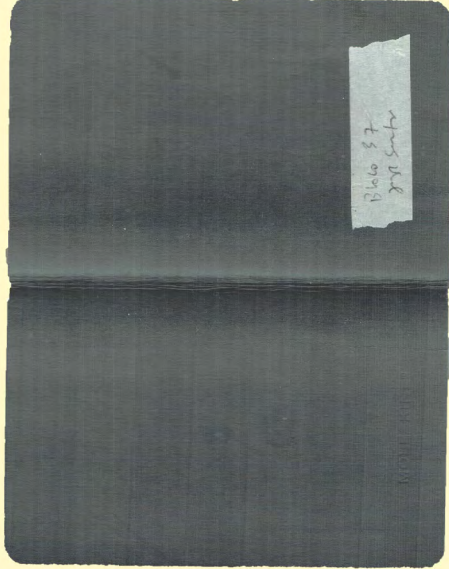
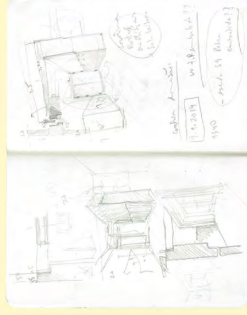
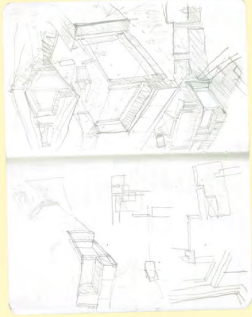


BLOCO 30

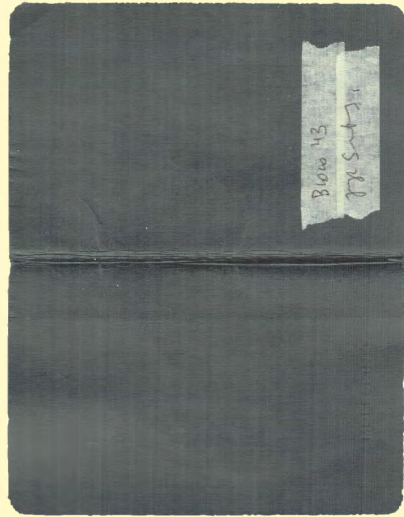
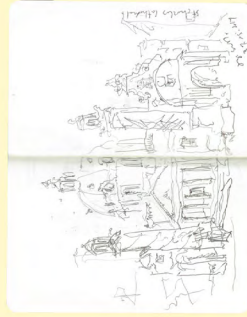
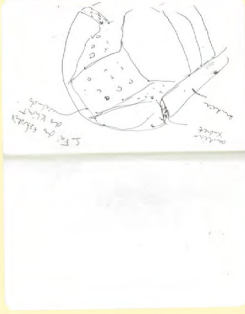
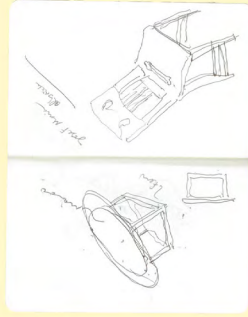
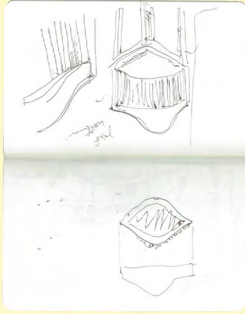


BLOCO 35









# Luís Ferro

## PRÉMIO ESTÁGIOS EM PORTUGAL E NO MUNDO

Luís Duarte Ferro

O estágio profissional corresponde ao momento em que recolhemos as asas abertas durante a formação académica (dominada por ideias e conceitos desligados da componente construtiva) e começamos a calcar a terra. Inicialmente com uma passada hesitante e medrosa, que caracteriza o reconhecimento inicial das lógicas construtivas, depois, mais aventurada e decidida, que testa, desafia e manipula esses mesmos princípios. Que não hajam ilusões, é sempre um período de evolução, de perda de inocência (ao jeito de André Téchiné em *J'Embrasse Pas*), em que são questionadas as mais profundas convicções de cada indivíduo, pois não se trata de uma simples transferência de conhecimento, é mais do que isso, trata-se da passagem de metodologias, *know-how*, que estruturará o método de trabalho dos futuros arquitectos, moldando tanto o modo como entendem a disciplina, como a ética com que a irão operar.

Este sistema formativo provoca uma relação de admiração muito referenciada na figura do arquitecto-mestre que emprega o estagiário-aprendiz, podendo constituir um presente envenenado ao criar uma dependência por vezes tão forte que ofusca a criatividade e individualidade do estagiário. Não será descipiendo referir que existem inúmeros casos em que o trabalho executado no primeiro atelier ficou vividamente impresso tanto na mente como no estirador do estagiário, moldando em alto relevo todas as folhas de vegetal que aí se produziram (cópia dos mestres). Eu fiz o seguinte: coloquei mais vegetais. Sobrepus uma camada tal de folhas de que a imagem inicial ficou desfocada até se diluir e perder numa sombra cinza-creme. Aí reencontrei-me.

Trouxe para cima do meu estirador os vãos metálicos de Sigurd Lewerentz, colados ao tijolo com borracha derretida; a luz dourada-rosa que incide sobre os mosteiros de Dom Hans Van der Laan; os Yali's de madeira negra sobre o Bósforo, vistos a partir do jardim da Mesquita de Süleymaniye em Istambul.

No decurso do meu estágio profissional fiz um acompanhamento de obra, um projecto de execução, dois estudos prévios, dois licenciamentos, dois concursos, inúmeras maquetas, cadernos, processos, formulários, directas, desenhei e imprimi quilómetros de papel coated HP. O meu estágio foi vulgar no sentido em que cumpriu todos os requisitos desejados para essa fase de aprendizagem. Foi pleno. Deste modo, opto por não vos convidar a atravessar a porta do 2º andar esquerdo, do número 108 da Rua da Alfandega, em Lisboa, onde o atelier bugio se refugia e diverte a pensar, desenhar e construir arquitectura. Para esta competição julgo ser mais pertinente centrar este relatório na análise dos momentos que considero terem sido os mais ricos, gratificantes e insólitos da minha preparação para o ofício. Deram-se do lado de fora da porta do atelier, em claustros.

Durante o meu estágio profissional tive a oportunidade de fazer diversas viagens, ora acompanhado pelo arquitecto João Favila Menezes, ora sozinho, que acredito terem tido um papel predominante no modo como entendo o mundo, a vida e a profissão, uma vez que acredito que o saber arquitectónico está contido nas obras de arquitectura, que constituem a principal fonte de conhecimento da nossa disciplina e que este é o requisito para que possam ser estudadas, compreendidas e continuadas. Visto isto, selecionei quatro desses claustros, e procurei recordar e expor as lições que obtive em cada um desses passeios.

Luís Duarte Ferro nasceu a 22 de Março de 1986, em Beja. Tornou-se mestre em Arquitectura pela Universidade de Évora em 2009. Trabalhou três anos no Atelier Bugio, cujo responsável é o arq.<sup>o</sup> João Favila Menezes. Participou na concepção de diversos projectos e concursos, destacando-se o acompanhamento de obra de uma habitação em Lisboa, e o projecto de execução de outra. Desde que fez a sua tese de mestrado intitulada «O Espaço do Eremitério de Santa Maria Scala Coeli: A Casa Cartusiana do Alentejo» que vive fascinado com a arquitectura religiosa. Viaja – não tanto quanto desejaria – em busca de conventos, ermidas e santuários. É membro do Cineclube da Universidade de Évora desde 2004, tendo sido convidado para exercer a função de júri do Festival Internacional de Curtas-Metragens de Évora (FIKE) em 2005. Foi aluno na Yildiz Teknik Universitesi de Istanbul ao abrigo do programa ERASMUS no ano lectivo de 2007/2008 e autor da exposição de fotografia “Separados pelo Mar” na galeria Mário Elias em Mértola em Julho de 2008. Actualmente vive em Évora. É Assistente Convidado do Departamento de Arquitectura da Universidade de Évora e é aluno do Programa de Doutoramento em Arquitectura da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.





38° 34' 53"N | 7° 55' 9"W

## Passeio #1\_Novembro, 2009

### Mosteiro de Santa Maria Scala Coeli, Évora.

No dia 21 de Maio de 2009 conduzi um grupo de arquitectos e historiadores pelo mosteiro de Santa Maria Scala Coeli, comumente denominada por Cartuxa de Évora. A possibilidade de ultrapassar o portão da clausura cartusiano e presenciar um mundo cujo ritmo e cadência são ditados pelo isolamento e silêncio é uma experiência inquecível.

Bem no coração da vida eremítica encontra-se o claustro grande, um quadrado de 98 metros de lado que agrega/reúne em torno de si os principais espaços da vida religiosa cartusiana: a igreja, sacristia, cela do prior, cela do vigário, cela do sacristão, celas individuais dos Padres, a biblioteca e a prisão. Ao longo das suas galerias sucedem-se portas que ligam às celas, à igreja, à biblioteca, à sacristia, ao refeitório e à cela prioral. As ligações entre as várias dependências têm de se efectuar por intermédio das galerias do claustro. A título de exemplo, o percurso do percurso da igreja para a biblioteca far-se-á sempre por intermédio das galerias. Talvez seja por ter uma missão tão simples e nobre, que o desenho do claustro seja de igual naturalidade, sobriedade e eficiência, que nos transporta de muito bom grado ao lado de um jardim. Não nos conduz ou empurra, simplesmente nos abriga, num percurso lento, convidando-nos a contemplar os elementos mais simples – a luz ritmada pelas colunas, o som, o espaço, enfim, a Arquitectura.

Convidei o grupo a entrar na cela “J”. Ao transpor a porta deixámos de ver, graças à constante penumbra em que o vestibulo está mergulhado. Lentamente, os olhos e o corpo adaptam-se ao lugar estreito e comprido que se desenvolve paralelamente à galeria do claustro, e que tem 2 m de largura por 9,30 de comprimento e 3,70 de pé-direito. A grande verticalidade e ausência aparente de função desta divisão torna-a o cenário perfeito para as mais variadas ocupações e usos, que vão desde o espaço de comer até ao de oficina, ou simplesmente ao local para sentir a frescura produzida pelas suas paredes espessas. O tecto é constituído por uma abóbada de canhão com o mesmo reboco de cal das paredes laterais, o que lhe confere unidade, revelando a harmonia das suas proporções. A partir daí sucede-se a oficina, o quarto de dormir, o oratório, o estúdio, a instalação sanitária e o pátio individual do Padre em forma de “L”.

Visto o eremitério (claustro grande e celas), despedimo-nos do mosteiro. Perto da saída, o arquitecto João Favila Menezes (atelier bugio), que se encontrava entre os visitantes, deu-me o seu contacto e pediu-me para ir ao atelier bugio após terminar os estudos. Assim ficou apalavrado o início do meu estágio profissional, que teve início em Março de 2010.



45° 49' 10"N | 4° 37' 21"E

## Passeio #2\_Junho, 2010

### Saint Marie de La Tourette, Lyon, França

Em Junho de 2010 foram-me cedidas duas semanas de férias para ir a Lyon apresentar o meu trabalho de Mestrado sobre a Cartuxa de Évora. Para além do colóquio e da visita a quatro mosteiros cartusianos (Grande Chartreuse, Sélinac, Portes-Saint-Marie e Pierre-Châtel), fiz um desvio até La Tourette, onde permaneci uma semana com a intenção de aproveitar calmamente o edifício e a sua envolvente.

Impressionou-me a rudeza crua e despida do claustro ausente/abstracto e dos acabamentos, ambos reforçando a noção de sacrifício/dor/perseverança requerida pela vida monástica. Uma coisa é certa: a minha pele não estava preparada para tal textura. Era nova para mim. Desenhei o edifício compulsivamente, procurando compreender todos os poros e dobras. Nisto, houve uma questão que se desenvolveu até se tornar uma obsessão: o convento está sobre pilotis, mas qual é o critério da distância existente entre o edifício e a pendente do terreno? Porque esta medida e não outra qualquer? Na despedida comprei diversos livros e ao virar para a página 48 de «La Tourette 1959-2009: Le Cinquenaire», obtive a tão desejada resposta. Uma imagem de Le Corbusier rodeado pelos monges a admirar de longe a construção do convento demonstrou que a construção se fez de cima para baixo em que a silhueta da cobertura do convento está simetricamente ajustada com a linha do horizonte. Aí compreendi a magnificência do edifício que já amava mais ainda não compreendia. Le Corbusier propôs uma Casa religiosa entre o Céu e a Terra, insensível à gravidade terrestre.







39° 32' 54"N | 8° 58' 46"W

### Passeio #3\_Abril, 2011

Mosteiro de Santa Maria de Alcobaça.

No fim-de-semana de 9 e 10 de Abril de 2011, eu e o arquitecto João Favila fizemo-nos à estrada, para visitar um edifício paradigmático cuja reflexão era particularmente interessante para os trabalhos em curso no atelier. Tratou-se de Santa Maria de Alcobaça.

Desde logo impressionou-nos a relação umbilical do edifício com a geografia em que se insere, com o vale arável, as serras que o abrigam da temível nortada, o Rio Alcoa que corta o Claustro da Levada e, por fim, com o urbanismo da cidade de Alcobaça. Neste caso o claustro encerra o mundo pétreo, duro e rígido da vida cisterciense. Tem a maravilhosa particularidade de ser rampeado nas suas quatro galerias, criando uma topografia que se ajeita à pendente natural do terreno. No ponto mais alto encontra-se a majestosa igreja, no mais baixo a cozinha. A pedra exige a construção de dependências espacialmente muito bem definidas e possibilitam a construção de generosos pés-direitos. Este aspecto tem especial dramatismo na cozinha, espaço do fogo e da água, cuja expressiva verticalidade é reforçada pela chaminé central a rasgar o espaço até furar o elevado tecto.



38° 28' 26"N | 8° 59' 42"W

### Passeio #4\_Maio, 2011

Conventinho da Arrábida, Sesimbra.

Desta vez rumamos ao Sul, em direcção aos eremitas da Serra da Arrábida. Há vários anos que pensava neste edifício, tendo-o visitado no filme «O Convento» de Manoel de Oliveira e no livro «Convento da Arrábida: a porta do céu», de Paulo Pereira. No dia 21 de Maio de 2011, cedi à tentação, marquei um visita, fomos visitá-lo.

É-me inevitável a comparação entre a Casa Cartusiana de Évora com a dos Frades Menores Capuchinhos da Arrábida, visto que são ambas eremiticas. O principal factor que as distingue reside no modo como as respectivas rdens religiosas entendem Deus. Os cartuxos refugiam-se num habitat estanque para se dedicarem com total exclusividade à oração silenciosa. Os capuchos, pelo contrário, encontram Deus através da admiração da sua obra-prima terrestre: a Natureza. Vivem e celebram-na intensamente. Usufruem-na e habitam-na construindo abrigos entre rochas e raízes.

O conventinho da Arrábida consiste numa série de dependências ordenadas linearmente ao longo da encosta da serra, desenvolvendo-se em vários níveis. A circulação entre os espaços interiores cobertos transita entre terraços e alpenduradas perfumadas. Ao perdermo-nos no edifício, sente-se o ar mediterrânico que nos transporta à Grécia e à Sicília. Destaco a extrema simplicidade construtiva. As paredes dos quartos são compostas por cortiça empilhada e caiada, num acto de total depuração que reforça a ideia de que o que importa é o esplendor da natureza envolvente.

Na Serra da Arrábida o centro da vida monástica também é um claustro, líquido, sem galerias, limites, fonte ou vegetação, mas que, tal como nos exemplos anteriores, agrega em torno de si toda a pulsação da Casa. É o limite entre o mar e o céu, o horizonte.





# Tiago Atalaia

Tiago Atalaia nasceu no Fundão em 1986. Em 2011, termina o mestrado em Arquitectura da Universidade do Porto. No mesmo ano, participa em vários concursos, de entre os quais resultaram o primeiro lugar para o Bar Temporário, organizado anualmente pela associação de estudantes da FAUP, e a menção honrosa no concurso Instant Housing, com a exposição da maquete da proposta à escala 1:20 na Feira Internacional de Arquitectura e Design de Milão. Em 2013 inicia o estágio para admissão à Ordem dos Arquitetos no atelier MA.SS em Lisboa, colaborando em projetos de reabilitação no centro histórico da cidade. Após a conclusão dos nove meses de estágio, muda-se para a Índia de forma a trabalhar no Studio Mumbai Architects, em Naçaon, sob a alçada do Arquiteto Bijoy Jain. Nos SMA coordenou a reabilitação de um mockup à escala real do Hotel Kovalam da autoria do Arquiteto Charles Correia. No decorrer desta experiência, e influenciado pelo teor manual da Índia, opta por enveredar por materiais mais tradicionais, acabando na tutela de Punaram Suthar, antigo carpinteiro do Studio Mumbai e dono da Vishvkarma Furniture.

















# Tiago Cruz

Tiago Cruz, 29 anos, natural de Vila Nova de Gaia. Concluiu o Mestrado Integrado em Arquitectura na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto com a dissertação: "Reabilitação Urbana de Periferias Degradadas". Foi aluno, ao abrigo da Bolsa de Estudo Erasmus, na Università degli Studi di Roma TRE. Estudou um ano na Universidade de Évora, no curso de Arquitectura, antes de ingressar no Porto. Após a conclusão da dissertação de mestrado estagiou durante seis meses no Atelier FUKSAS, em Roma. Colaborou em vários projectos das mais diferentes escalas (desde aeroportos a estações de metro) e participou na organização de uma exposição no Museu MAXXI, em Roma. Entre Novembro de 2011 e Dezembro de 2013 trabalhou nos seguintes gabinetes de arquitectura e design: Archistaff®\_arquitectos e LogoExisto®\_arquitectura, design e comunicação, sediados em Vila Nova de Gaia. Participou em diferentes projectos desde a fase da concepção até à elaboração de desenhos para orçamentação e construção, incluindo mapas descritivos e medições. Frequentou acções de formação para a instrução de processos digitalmente e participou na organização de processos para serem submetidos por esta via nos Concelhos de Águeda e Vila Nova de Gaia. Em Janeiro de 2014 fundou, juntamente com a arquitecta Bárbara Moreira, a Vintage Downtown®, dedicada a comercialização de mobiliário vintage e de autor. Actualmente frequenta o 3º Ciclo de Estudos em História da Arte Portuguesa na Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

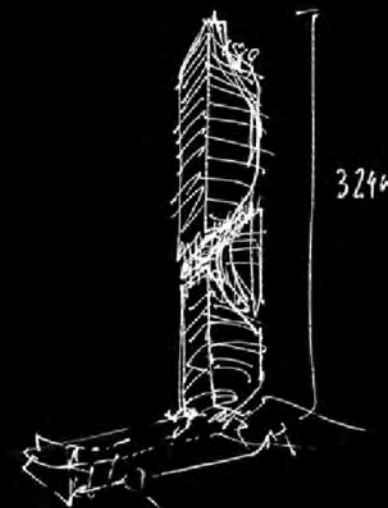


## ROMA: JANELA PARA O MUNDO

### RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO NO STUDIO FUKSAS, ROMA: 2011

#### RESUMO

RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO PROFISSIONAL NO GABINETE DO ARQUITECTO MASSIMILIANO FUKSAS, EM ROMA. O TRABALHO DESENVOLVEU-SE NO LABORATÓRIO DE MAQUETAS. SOB A COORDENAÇÃO DE NICOLA CABIATI E FRAUKE STENZ, PARTICIPEI NOS VÁRIOS PROJECTOS EM DESENVOLVIMENTO NESTA SALA DURANTE O PERÍODO DECORRIDO ENTRE ABRIL E SETEMBRO DE 2011.





# ROMA: JANELA PARA O MUNDO

## RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO NO STUDIO FUKSAS, ROMA: 2011

### INTRODUÇÃO

A minha vontade de viver e trabalhar em Roma cresceu durante a minha fase de estudos *erasmus* naquela cidade, no ano lectivo de 2008/2009. No decurso deste período tive a oportunidade de vivenciar *in loco* alguns dos momentos mais significativos da História da Arte europeia. As lições de arquitectura decorriam, simultaneamente, dentro e fora dos muros da universidade. Através do privilégio concedido aos estudantes de arquitectura pude visitar, inúmeras vezes e gratuitamente, os mais importantes monumentos da cidade. Percorria, horas a fio, as ruas de Roma. Explorei praças, basílicas e museus. Via com o mesmo entusiasmo esculturas clássicas, cenográficas praças barrocas, falsas cúpulas pintadas no interior das igrejas e ruínas perdidas no tempo. Após este período regresssei a Portugal, onde concluí o meu Mestrado Integrado em Arquitectura, em finais de 2010.

### INÍCIO DA AVENTURA

A oportunidade de trabalhar em Roma surgiu após ter enviado o resumo dos meus trabalhos para o Studio Fuksas. A resposta foi positiva e recebi a proposta para iniciar o meu estágio no mês seguinte. Deveria começar no início de Abril. Aceitei a oferta e comecei a preparar-me para a partida. Apesar de Roma não ser uma cidade nova para mim, desta vez queria optimizar o mais possível a minha experiência naquela cidade. Foi com imenso entusiasmo que regresssei ao local onde vivenciara experiências tão marcantes. A cidade apresentava-se vibrante e radiosa. Esta era precisamente uma das minhas épocas do ano preferidas. O clima era ameno, não excessivamente quente e ainda não havia a invasão turística característica dos meses de Verão. Fiquei instalado num casa não muito longe do centro da cidade e do meu local de trabalho.

*Imagens: Studio Fuksas - Varanda Interior; Pátio e Sala de Trabalho com Torre de Schenzen (esquerda); Laboratório de Maquetas, momento de trabalho (direita).*



images © laura hochhäusl



image © ivy wong



image © laura hochhäusl

O percurso para o meu local de trabalho era, em si mesmo, uma forte experiência arquitectónica. O autocarro partia da *Appia Nuova*, atravessando as primitivas muralhas romanas. Colado ao vidro, via desfilar-se a meus olhos, o Coliseu, os Fóruns Imperiais, o monumento ao rei *Vittorio Emanuele II* e algumas das numerosas basílicas e igrejas de Roma. O trajecto terminava na *Piazza Argentina*, uma das entradas do centro histórico. Daqui, o percurso era feito a pé, através da *Via dei Giubbonari*. A sua localização, num dos bairros mais antigos e vibrantes da cidade, permitia participar ativamente no pulsar da mesma. A proximidade da praça do *Campo dei Fiori*, era também uma grande mais-valia. Esta sofria uma grande mutação funcional ao longo do dia: de mercado de frescos e produtos turísticos pela manhã, a *hot spot* de diversão noturna, o *Campo dei Fiori* é um dos lugares mais característicos e particulares de Roma.

### STUDIO FUKSAS

O Studio Fuksa está instalado num dos palácios da *Piazza del Monte di Pietà*. Caracteriza-se pela sua cor azul celeste e pelas cantarias de desenho clássico, em mármore travertino. Uma imponente porta permite-nos aceder a um pátio interior polvilhado de plantas, vasos e flores. Uma escadaria conduz-nos à receção/secrétaria, no primeiro piso. Recordo o forte impacto que me causou a primeira vez que aqui entrei. O edifício preservava, o mais possível, os detalhes originais da sua construção oitocentista. Em alguns pontos, apenas os caixilhos contemporâneos e o logo vermelho *FUKSAS* denunciavam intervenção. A secretária era o primeiro contacto do atelier com o exterior. Fui recebido por *Maria Zavattolo*, sendo-me pedido que aguardasse. Iria ser conduzido numa visita guiada ao edifício. Durante a espera pude observar a sala: cartazes com obras do atelier multiplicavam-se pelas paredes. Algum mobiliário aqui desenhado estava também presente.





O Studio Fuksas encontrava-se organizado por salas, de acordo com o tema de projecto ou o local da intervenção. A estratégia tinha em conta a vontade de concentrar esforços e evitar a dispersão. Ao longo dos tempos vim a confirmar os benefícios desta opção de trabalho. As diversas salas tinham um número de elementos variável, tendo em conta as necessidades de projecto e o tipo de trabalho. Na *Sala Itália* que, como o próprio nome indica, desenvolvia projectos no próprio país, trabalhavam entre 8 a 10 pessoas. A *Sala Internacional* ocupava-se de projectos na Ásia e noutras partes do mundo. Aquando da minha chegada estava em curso o projecto de execução e acompanhamento de obra do novo Aeroporto de Schenzen, na China.

Uma das Salas mais dinâmicas era a *Sala Concursos*. A sua importância residia, fundamentalmente no facto de permitir, para além da possibilidade de angariar novos trabalhos, desenvolver respostas inovadoras, não condicionada pelo factor encomenda. Regia-se por horários próprios e as suas *deadlines* e prazos eram os dos concursos internacionais.

Paralelamente ao trabalho desenvolvido no campo da Arquitectura, havia o Departamento de Design coordenado por *Doriana Fuksas*. Funcionava de forma independente mas em articulação com o Departamento de Arquitectura. Ocupava-se não só, do desenho de interiores, mas também do desenho de equipamento e da comunicação.

Inerentes ao próprio funcionamento do atelier estavam a Sala de Imprensa, o Arquivo e a Sala de Impressão. As salas privadas do arquitecto, com a sua Biblioteca particular e Espaço Lounge e de Reuniões, possuíam acesso condicionado e limitado.

#### SALA PLASTICI - LABORATÓRIO DE MAQUETAS

O meu período de estágio decorreu no Laboratório de Maquetas. De acordo com as palavras do arquitecto *Massimiliano Fuksas*, este era um dos locais mais importantes do estúdio. Aqui era estudada a forma e, era o local onde, em última análise, se tomavam muitas das decisões de projecto.

O meu trabalho consistia na elaboração de maquetas dos vários projectos em estudo no atelier. Isto incluía maquetas de estudo e propostas finais. O trabalho era desenvolvido sob a coordenação e supervisão de *Nicola Cabiati* e *Frauke Stenz*. Trabalhavam nesta sala 7/8 pessoas. Para além dos dois responsáveis principais, a equipa era ainda composta por dois arquitectos e 3/4 estagiários. O ambiente era multicultural e as nacionalidades dos meus colegas eram as seguintes: italiana, espanhola, alemã, escocesa, austríaca e chinesa.

A complexidade dos processos e a utilização de maquinaria obrigava a um rigoroso espírito de disciplina e organização. Deviam ser cumpridas escrupulosamente todas as regras definidas. Esta Sala fazia a ponte com todos os sectores do atelier. Trabalhávamos em articulação com os projectos em desenvolvimento. Nalguns casos, eram aqui feitas importantes sínteses. A experiência de trabalho nesta sala permitiu-me adquirir uma visão transversal do funcionamento do atelier. Ao contrário do procedimento geral no estúdio, era-nos permitido colaborar em diversos projectos, nas suas diferentes fases e escalas.

*Imagens: Momento de Trabalho; Impressão 3D; Pormenor de Maqueta e Maquetas de Estudo (esquerda); Sessão de Fotografias no Terraço e Maqueta Estudo (direita).*

Images © Ivy Wong



## ROMA: JANELA PARA O MUNDO

### RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO NO STUDIO FUKSAS, ROMA: 2011



Images © Ivy Wong

#### TRABALHOS DESENVOLVIDOS

A minha chegada ao atelier coincidiu com a ampliação das instalações. O Laboratório iria ser transferido para uma ampla sala, recentemente remodelada no último piso do edifício. Este processo permitiu-me participar activamente no processo de reinstalação e montagem de todo o equipamento. Tive contacto com todos os materiais arquivados e disponíveis.

Os modelos desenvolvidos dependiam da escala e do fim. Os estudos de forma eram muitas vezes efectuados em esferovite e seguindo processos mais rápidos.

Um dos primeiros trabalhos em que participei foi no desenvolvimento de propostas de forma para o pódio de uma torre de escritórios a ser construída em Schenzen, China. Numa outra escala, foi-nos também pedido um estudo de forma para edifício de apoio a estrutura aeroportuária, no Concurso para o Aeroporto Internacional de Incheon, na Coreia do Sul.

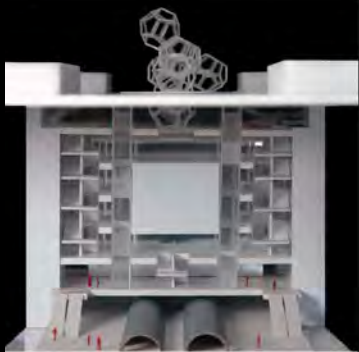
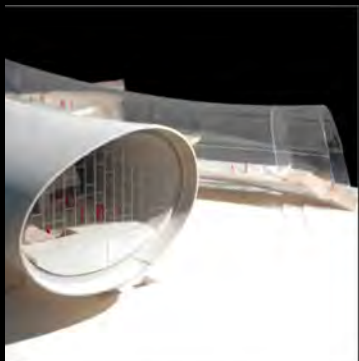
#### DESTAQUES

Dos trabalhos em que participei destaco os projectos para a cidade de Tbilissi, na Georgia. A sua extrema complexidade formal exigiu um minucioso trabalho de execução e montagem.

A *House of Justice*, equipamento público, exigiu a utilização de sofisticadas tecnologias. A partir do trabalho desenvolvido pela equipa da Sala Tbilissi (onde trabalhava uma arquitecta portuguesa), elaboramos o modelo físico correspondente. A particularidade da cobertura exigiu a impressão digital dos elementos que a compunham. Aprendi a manusear a impressora 3D, incluindo todos os procedimentos de preparação e pós-impressão.

Um outro projecto marcante, também na cidade de Tbilissi, foi o *Rhikke Park*, auditório e salas de exposição. A complexa forma tubular transparente exigiu a elaboração de um molde em madeira. Este foi executado a partir das secções transversais do edifício.





## ANÁLISE DA EXPERIÊNCIA

Um dos pontos mais positivos do meu estágio profissional foi a possibilidade de integrar uma equipa internacional, num contexto altamente dinâmico e competitivo. Foi-me possível entrar em contacto com uma realidade altamente diferenciada. Colaborei em projectos de diferentes escalas, em contextos e fases de projecto totalmente diversificadas. Durante este período de tempo, participei nas seguintes intervenções: Masterplan em Qingdao, China; *House of Justice*, in Tbilissi; *Rhikke Park*, em Tbilissi; Estação de Metro *Duomo*, em Nápoles; Remodelação do Hipódromo de *Longchamps*, em Paris, *Torre Gousen*, em Schenzen e preparação de exposição no Museu de Arte Contemporânea, em Roma, entre outros. Solidifiquei a capacidade de trabalhar em alta pressão e com o cumprimento de prazos. A complexidade de determinados projectos obrigava-nos a fazer um estudo exaustivo da concepção das formas. Em alguns casos, era necessário reunirmos com os elementos responsáveis pelo desenvolvimento do projecto e do desenho. O trabalho era sempre feito em articulação entre as diferentes equipas. Nalgumas situações, antes de se optar por uma determinada proposta para o projecto eram estudados vários modelos. Neste caso, os próprios elementos da equipa de projecto se deslocavam ao Laboratório de Maquetas. Sempre que se tratava de um modelo final ou se o propósito era a apresentação a um cliente, a exigência era redobrada. Era importante que pudesse demonstrar claramente as opções de projecto e fosse fiel ao conceito da proposta arquitectónica. Não poderia suscitar dúvidas nem interpretações dúbias.

## COMPETÊNCIAS ADQUIRIDAS

O período de estágio foi essencial na minha integração no mundo do trabalho, sendo a minha primeira experiência de trabalho em contexto internacional. Permitiu-me desenvolver ainda mais a sensibilidade pela forma e pelo aspecto exterior dos edifícios. O estudo da materialidade e revestimento dos edifícios foi essencial para o desenvolvimento de competências no campo da Arquitectura.

O facto de trabalharmos na modelação de edifícios com programas complexos tornou possível, a apreensão de diferentes metodologias de projecto e diferentes formas de organização espacial.

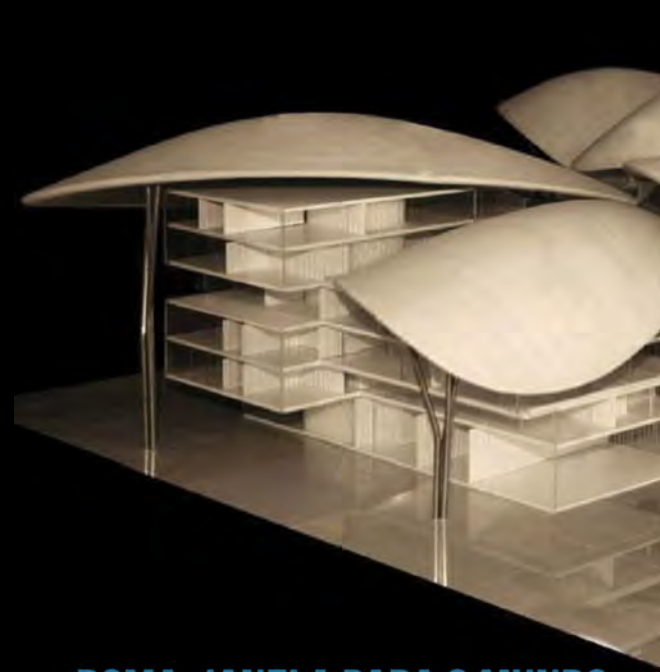
O manuseamento de complexas máquinas de impressão 3D foi útil para a compreensão do potencial do estudo da forma e da implicação das novas tecnologias enquanto instrumento de pesquisa na Arquitectura.

O trabalho de atelier incluía também a fotografia das maquetas elaboradas. Este acto obrigava-nos também a uma reflexão acerca do trabalho produzido. Algumas fotografias eram feitas no terraço do edifício, com luz de dia natural. Outras eram produzidas no próprio laboratório, com a recriação de um cenário de estúdio.

Depois de melhoradas digitalmente, constituíam também ferramentas de projecto e de pesquisa.

*Imagens: Maquetas - Rhikke Park, Metro de Napoli, Masterplan de Qingdao, Hipódromo de Longchamps (esquerda); House of Justice e Hipódromo de Longchamps (direita).*

Images © massimiliano and doriana fuksas architects



## ROMA: JANELA PARA O MUNDO

### RELATO DE EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO NO STUDIO FUKSAS, ROMA: 2011



Images © massimiliano and doriana fuksas architects

## CONCLUSÃO

O balanço do meu período de estágio no atelier do arquitecto Massimiliano Fuksas, em Roma, é altamente positivo. Num curto período de tempo foi-me permitido ter contacto com projectos de diferentes escalas e numa âmbito de intervenção internacional, em vários pontos do mundo.

A minha experiência no Laboratório de Maquetas permitiu-me acompanhar o desenvolvimento de vários projectos, simultaneamente, em fases distintas de evolução. Apesar de não ter desenvolvido as competências no âmbito do desenho CAD, pude potenciar as questões relacionadas com a pesquisa da forma e da materialidade dos edifícios.

Esta experiência constituiu um importante complemento à minha formação académica, obrigando-me a refletir noutros factores, igualmente determinantes na actividade projectual e nem sempre por mim tratados com a devida importância.

Para além das competências adquiridas em termos profissionais o período de estágio foi muito além disso. Moldou a minha forma de ver o mundo e a minha forma de estar. Potenciou a minha abertura a novas ideias e a novas visões relativamente ao mundo em redor. O facto de ter que trabalhar com equipas variadas e internacionais permitiu-me apreender diferentes perspectivas sobre um mesmo assunto e perceber a pertinência de determinadas opções. Levou-me a compreender a diferença e multiplicidade de visões e opiniões sobre um mesmo assunto. Num mundo dominado pela relatividade, foi-me também possível refletir na importância das nossas convicções e nas possibilidades de desenvolvimento de um percurso pessoal e original orientado por princípios e valores universais.

Tiago Cruz. Outubro 2014



